



Revista Affectio Societatis

Departamento de Psicoanálisis

Universidad de Antioquia

affectio@antares.udea.edu.co

ISSN (versión electrónica): 0123-8884

ISSN (versión impresa): 2215-8774

Colombia

2012

Elisabeth da Rocha Miranda

ANGÚSTIA E MULHER

Art. # 7

Revista Affectio Societatis, Vol. 9, Nº 16, junio de 2012
Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia
Medellín, Colombia

ANGÚSTIA E MULHER

Elisabeth da Rocha Miranda¹

Resumo

O artigo visa discutir, a partir dos postulados por Freud e Lacan, a possibilidade de uma angústia específica à mulher. Não há universal feminino e a posição feminina de um sujeito é referida ao modo como ele se relaciona com o gozo, isto é, situando-se do lado do gozo *não-todo* fálico. A questão seria então melhor formulada: haveria uma angústia específica da *não-toda* fálica? A angústia nas mulheres pode ser experimentada em aspectos diferentes; a angústia da mulher histérica cuja defesa é a inveja do pênis e a eternização da reivindicação fálica; a angústia da mãe que presentifica a possibilidade da perda do filho enquanto falo. Mas a angústia própria à mulher, ao *não-toda* fálica, é esta que tem relação direta com o S(A) com a falta no Outro, com o gozo experimentado como infinito.

Palavras-chave: castração, feminino, angustia, mulher.

ANGUISH AND WOMAN

Abstract

The article tries to discuss, based on Freud and Lacan premises, the possibility of a specific anguish in women. There is neither a female universe nor a female position in an individual more referred to the manner as it is related to the jouissance (sexual pleasure); i.e., being beside no-

¹ Doutora pelo Programa de Pós-Grad. em Pesquisa e Clínica em Psicanálise, UERJ. Psicanalista Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano e da Internacional dos Fóruns (AME). Professora do Curso de Especialização em Psicologia Clínica, PUC-RJ. Professora coordenadora do curso de extensão "O feminino em Psicanálise", PUC. Professora do Curso de Especialização em Psicologia Clínica, UVA-RJ. Membro do Colegiado de Ensino de Formações Clínicas do Campo Lacaniano-RJ, Brasil. bethm@uol.com.br

quite phallic jouissance. The question, then, would be better asked: would there be a no-quite phallic specific anguish? The anguish in women can be experimented in different aspects; the anguish of the hysterical woman whose defense is the envy of the penis and the perpetuation of the phallic claim; the anguish of a mother who thinks about the possibility of losing her child as phallus. But the proper anguish of woman, no-quite phallic, is that which is directly related to S(A) the lack in the Other, with the jouissance experimented as infinite.

Keywords: castration, feminine, anguish, woman

ANGOISSE ET FEMME

Resumé

Cet article à l'intention de discuter, en partant des postulats de Freud et Lacan, la possibilité d'une angoisse particulière chez les femmes. Il n'y a de féminin universel ni de position féminine chez un sujet que rapportée à la façon dont il se met en relation avec la jouissance, c'est-à-dire, en se plaçant du côté de la jouissance pas-toute phallique. La question serait donc mieux posée ainsi: aura-t-il une angoisse particulière de la jouissance du pas-tout phallique? L'angoisse chez les femmes peut être vécue dans des différents aspects. L'angoisse chez la femme hystérique dont la défense est la jalousie du pénis et la perpétuation de la revendication phallique. L'angoisse d'une mère qui fait présente la possibilité de perdre son enfant parmi autant des phalles. Mais l'angoisse propre de la femme, pas-toute-phallique, est celle qui a une relation directe avec S(A) le manque chez l'Autre, avec la jouissance vécue comme infinie.

Mots clés: castration, féminin, angoisse, femme.

ANGUSTIA Y MUJER

Resumen

El artículo pretende discutir, a partir de los postulados de Freud y Lacan, la posibilidad de una angustia específica en las mujeres. No hay un universal femenino ni una posición femenina en un sujeto más que referida al modo como se relaciona con el goce, es decir, situándose del lado del goce no-todo fálico. La pregunta sería entonces mejor formulada: ¿habría una angustia específica del no-toda fálica? La angustia en las mujeres puede ser experimentada en diferentes aspectos; la angustia de la mujer histérica cuya defensa es la envidia del pene y la perpetuación de la reivindicación fálica; la angustia de una madre que hace presente la posibilidad de perder a su hijo en tanto falo. Pero la angustia propia de la mujer, no-toda fálica, es esta que tiene relación directa con S(A) la falta en el Otro, con el goce experimentado como infinito.

Palabras clave: castración, femenino, angustia, mujer.

Recibido: 09/02/12 Evaluado: 22/02/12 Aprobado: 03/03/12

Para discutirmos a questão da existência de uma angústia específica à mulher faz-se necessário lembrar que não há universal feminino e que a posição feminina de um sujeito é referida ao modo como ele se relaciona com o gozo, isto é, situando-se do lado do gozo *não-todo* fálico. Sendo assim é uma posição possível a todos e que tem conseqüências particulares em relação à angústia. A questão seria então melhor formulada: haveria uma angústia específica da *não-toda* fálica?

Desde os primórdios da história da psicanálise, o tema da angústia tem ocupado um lugar preponderante em sua teoria. Em 1892 em carta à Fliess, (Masson 1986/1892 p.37) Freud dirigia sua atenção para o problema da angústia indagando sua etiologia a partir da histeria e das neuroses de angústia. Com as históricas ele descobre que o corpo fala, por meio de dores, paralisias e cegueiras, sobre o que o sujeito padece: o desejo e o gozo. Em 1892 interroga sua paciente Elisabeth Von R. sobre a origem das representações de seu corpo, sobre a fonte representativa de suas dores: “De onde provêm as dores quando a senhora anda, quando fica de pé, quando está deitada?”. A resposta que obtém revela que o sintoma se faz presente no corpo sob a forma de conversão, denunciando a vida sexual do sujeito. O sintoma interroga cada um sobre aquilo que perturba seu corpo e que aparece sob a forma de angústia. Como presença do significativo do Outro, o sintoma é marca, corte, lugar onde se produz o surgimento traumático do gozo, no entanto não é a única forma de apresentação da angústia. “Na histeria a angústia aparece frequentemente acompanhada de sintomas, mas também se exterioriza como estado crônico, uma angústia não ligada. Os enfermos não sabem dizer o que é isso ante o que se angustiam e o enlaçam a fobias do que têm a mão; medo de morrer, de enlouquecer de sofrer uma síncope” (Freud, 1999/1916-17: 367).

Em função do sintoma e da angústia na histeria, Freud reconhece a via pela qual a perturbação do corpo se impõe e, por meio dos significantes, recorta, trilha os caminhos do gozo. O advento do sintoma, da angústia e do gozo aí implicados remetem ao conceito freudiano de recalque. A idéia do recalque é uma das primeiras a se constituir na teoria freudiana. O termo *Verdrängung* foi utilizado por Freud desde 1893, em “Esboços para a comunicação preliminar” e inicialmente empregada de maneira análoga à idéia de defesa. Três anos depois, em uma carta a Wilhelm Fliess de 6 de dezembro de 1896, o recalque é a denominação clínica da “falta de tradução de alguns materiais que não têm acesso à consciência. A razão dessa falta de tradução é sempre a produção de desprazer que resultaria de uma tradução. É como se esse desprazer provocasse um distúrbio do pensamento, que não permitisse o processo de tradução” (Masson 1986/1896 p.209). A pulsão, por sua relação com o corporal, encontra-se no limite, nas bordas e nas fronteiras da produção de sentido para o sujeito, como exigência de trabalho imposta ao psíquico. Assim, ela não é apenas

um conceito entre o somático e o psíquico, mas também, e por isso mesmo, o lugar onde se estabelecem as diversas possibilidades de estrutura psíquica para o humano. Em um primeiro momento, corpo e sujeito se fundem a intensidade das excitações corporais e o sentido que pode ser dado a elas se misturam sem fronteiras ou intervalo. Talvez por isso Freud tenha dito que o eu é antes de tudo um eu corporal. Esse eu inicialmente é pura dispersão auto-erótica, em que a diferenciação entre interioridade e exterioridade não está ainda subjetivada. A pulsão mantém uma constância presente nos orifícios do corpo, um elemento de real, um *Unerkannt*, um não-reconhecido. Freud designa o não-reconhecido como o *Uvverdrängt*, o recalcado originário, momento mítico de uma primeira perda, de um trauma.

O trauma é o primeiro susto que atravessa um organismo tomando-o de assalto e se caracteriza pela falta de preparação do aparato psíquico para se defender de uma intensa quantidade de energia. Ao gerar uma ruptura no escudo protetor do aparelho psíquico contra os estímulos externos, faz o princípio do prazer fracassar. O que Freud chama de trauma define de maneira geral o acontecimento do corpo que produz marcas de afeto e mantém tanto no corpo quanto na psique um desequilíbrio permanente, um excesso de excitação que não se deixa reabsorver, e que insiste. O excesso de excitação, o trauma, que sem dúvida vem do Outro, produz o que Freud denomina angústia real, não neurótica, que marca o corpo como um estigma, e que será a mola propulsora e fundadora do desejo. A angústia revela um afeto que provoca alterações no corpo e não pode ser dito, pois se caracteriza justamente como o que não se enquadra nem no sintoma, nem no significativo, e se faz presente no corpo desde o nascimento até a morte. Enigmática, ela é companheira infalível do humano. “É algo que se sente, é *Empfindung*, diz Freud, ainda que não seja um sentimento propriamente dito, nem uma simples sensação: vamos chamá-la de estado afetivo, embora também ignoremos o que seja um afeto.” (Freud, 1999/1926: 125)

Este primeiro modelo da teoria da angústia é abordado a partir da teoria da libido, ou seja, a angústia está relacionada aos acontecimentos da vida sexual. Em certos indivíduos que se expõem à excitação sexual não consumada a libido desaparece e em seu lugar surgem os ataques de angústia. Na conferência de 1917, Freud afirma que para a média dos seres humanos permanece a verdade de que a angústia tem estreita vinculação com a limitação da vida sexual. Esta relação se comprova especialmente nos sujeitos cuja libido se apresenta de forma passiva, ou seja, nas mulheres. “Nas mulheres cuja prática sexual é por essência de natureza passiva a angústia está determinada pelo trato que recebem dos homens. Quanto mais temperamental, e, portanto mais capaz de satisfação seja uma mulher mais ela reagirá com angústia ao

estado de impotência de seu marido e ao contrário em mulheres pouco libidinosas esse mal exercerá um papel muito menor” (Freud, 1917:365) .

Neste mesmo texto Freud afirma que não se sabe como a partir da libido se gera angústia, apenas se comprova que quando falta libido em seu lugar surge a angústia.

Lacan também se refere a uma angústia primeira, angústia real descrita por Freud, conectada à satisfação da necessidade ou sua insatisfação, e não, como fará posteriormente, conectada ao desejo. A angústia é relativa a uma satisfação ou insatisfação da necessidade vital, “pois não há satisfação universal, o que abre uma falha que a necessidade introduz na demanda” (Lacan, 1960: 828).

A articulação da angústia com a situação traumática leva Freud a dizer que “a angústia surgiu originalmente como uma reação a um estado de perigo e é reproduzida sempre que um estado dessa espécie aparece” (Freud, 1926:127).

Em 1926, ele retifica e até inverte completamente sua teoria da relação entre angústia e recalque e mesmo entre angústia e libido, apresentando o que chama de “uma nova orientação”: não é o recalque que provoca a angústia, mas a angústia que desencadeia a ação do recalque sobre a pulsão, fazendo surgir o sintoma como substituto dessa satisfação pulsional. Ela é, então, “um estado afetivo, uma combinação de determinadas sensações da série prazer-desprazer com as correspondentes inervações de descarga e uma percepção das mesmas, mas provavelmente também como um precipitado de determinado evento importante incorporado por herança” (Freud, 1933: 75).

Otto Rank, apresentado como fiel discípulo de Freud publica em 1924 um livro intitulado *O Trauma do Nascimento*. Rank pensava ter encontrado no trauma do nascimento “o próprio núcleo do inconsciente”, “o último substrato biológico concebível da vida psíquica”. Para ele no trauma do nascimento, se faz o corte primitivo, originário: por um lado o prazer intra-uterino, por outro a angústia, no momento do nascimento, saída da desordem psicológica que este provoca. E é este corte fundador que orientaria e determinaria ao mesmo tempo toda a busca de prazer como tentativa de reprodução desse estado anterior e também todas as variedades posteriores da angústia. O sujeito neurótico buscará satisfazer sua libido primitiva, seu desejo de retornar à mãe, segundo a forma primitivamente infantil. Essa busca pelo impossível levará à repetição acentuada da angústia inicial. Para Rank, a angústia surge como o “primeiro conteúdo psíquico do qual o homem se torna consciente”, primeira expressão corporal, física, para uma expressão psíquica de angústia.

Freud não cessa de negar ao nascimento o estatuto de trauma original e real, mas reconhece nele a dimensão de protótipo. Em 1925, no ano seguinte à publicação do trabalho de Rank, Freud escreve *Inibição, Sintoma e Angústia* texto no qual contesta as proposições radicais de seu discípulo. Freud explica que cada fase da vida tem sua angústia determinada e que, no transtorno fisiológico do nascimento, não se trata da perda da mãe. “No momento da situação traumática do nascimento não havia nenhum objeto do qual se poderia sentir falta” (Freud, 1926-[27]:159). Na vida intra-uterina a mãe não era um objeto, que nesse tempo não havia objeto.

A filosofia também dedicou importantes trabalhos a respeito da angústia. *Kierkegaard* considerado o primeiro dos filósofos existenciais e autor da obra intitulada “O conceito de angústia” afirma que a “angústia deve ser entendida não como os homens em geral a entendem, como uma angústia das coisas exteriores, do que está fora de nós, mas como uma angústia produzida por nós mesmos”(Kierkegaard,1844:159). “O objeto da angústia é sempre um nada: a angústia e o nada não cessam de se corresponder” (Ibid: 82).

A compreensão de *kierkegaard* sobre a angústia está ligada à sua concepção de pecado original. A angústia seria a pecabilidade, seria a condição de possibilidade de pecado (Ibid: 107). Freud discorda totalmente desta teoria e afirma a estreita relação entre a angústia e a primeira experiência de satisfação vivida com o Outro materno, pois essa experiência comporta perda, gozo e a possibilidade de alucinar o objeto desde sempre perdido. O objeto só é percebido como perda e por isso alucinado.

Ao se referir a esse primeiro encontro com o Outro, Lacan afirma que “o trauma do nascimento —e não há nenhum outro— não é a separação da mãe, mas a aspiração em si de um meio intrinsecamente Outro” (Lacan, 1962-3: 355). Trata-se de uma separação fundamental, uma partição no interior do vivente, uma divisão fundamental operada pelo significante que marca a falta constitutiva do sujeito do desejo. Essa divisão se apóia no corpo tomado não como imagem, como todo, mas como órgão que “deve ser chamado de irreal, no sentido de que o irreal não é o imaginário, e precede o subjetivo que ele condiciona, por estar diretamente às voltas com o real” (Lacan, 1960: 861). Real da perda marcada no corpo “na secção do cordão, onde o que o recém-nascido perde não é, como pensam os analistas, sua mãe, mas seu complemento anatômico. Aquilo que as parteiras chamam as secundinas²” (Lacan, 1960: 859). Isso se dá pelo fato de sermos seres sexuados. A falta é radical, e o é para a própria constituição da subjetividade, porque, “a partir do momento em que isso (a falta radical) é sabido, em que algo (do real) chega ao saber, há algo perdido, e a maneira

² As secundinas são formadas pela membrana e pela placenta que permanecem no corpo da mãe logo após o nascimento do bebê e que devem ser expelidas em seguida.

mais certa de aproximar-se desse algo perdido é concebê-lo como um pedaço de corpo” (Lacan, 1962-3: 149). Uma primeira perda, uma primeira falta, a da placenta, é recoberta por uma segunda, a falta significante (Lacan, 1964: 194-5). Essa operação deixa um resto, pois se, por um lado, o significante mata a Coisa, por outro não recobre toda a Coisa, deixando a falta-a-ser marcada no real da carne. Temos aqui a angústia por perda do objeto primário, esse que a mãe porta e que se resume na possibilidade da perda da satisfação pulsional. A angústia é o sinal da impossibilidade de satisfação direta da pulsão, pois esta só pode se satisfazer por meio de substitutos.

A angústia é, portanto, anterior ao sujeito barrado, e a marca que causa no organismo tem como efeito o que antecipa o evento significativo da aquisição do corpo. A angústia surge antes de qualquer articulação da demanda do Outro, é o ponto de partida da inscrição significante, a chave para presentificar o vazio no Outro. O *Unheimlich* —essa inquietante estranheza— é a dobradiça indispensável para apreender tal questão. A primeira manifestação da angústia, que coincide com a dramática emergência no mundo daquele que será o sujeito, é o grito. O grito escapa ao lactante, mas retorna significantizado pelo Outro, indicando que falta algo a esse Outro; ele deseja, e o sujeito pode ser tragado por esse furo no Outro, pelo desejo inapreensível do Outro. É em face do enigma do desejo do Outro que a angústia se manifesta como sinal do desamparo em que o humano se encontra. Em “A terceira” Lacan fala do corpo como causa do mal-estar na cultura, manifestado no fenômeno da angústia: “A angústia é o que se situa em nosso corpo em outra parte, é o sentimento que surge da suspeita de nos reduzirmos ao nosso corpo; não é o medo de alguma coisa com a qual o corpo possa motivar-se. É um medo do medo” (Lacan, 1974: 102).

A suspeita de nos reduzirmos a nosso corpo pode ser lida como medo de nos depararmos com esse corpo sem amarração simbólica, o que significa a possibilidade de invasão do real no imaginário, desintegrando a imagem unificada do corpo. O medo do medo é o medo que não se refere a um objeto situado no mundo das coisas, mas sim o medo do objeto como vazio de ser, “situado em nosso corpo em outro lugar”, mais precisamente na falta do Outro, com base na qual nos constituímos. A angústia é essencialmente angústia diante de algo, e esse algo é o objeto *a*, por isso ela é sua única tradução subjetiva. É ante esse objeto *a* como puro vazio, sem significantes, um nada que faz faltar a falta, que nos vemos reduzidos ao real do corpo. Vemos aqui que a elaboração de Lacan do conceito de angústia difere tanto quanto a de Freud daquela de *Kierkegaard*. A angústia não é diante do nada é diante do vazio da perda constituinte do sujeito, diante do objeto enquanto falta. Mas a angústia se faz presente também diante do objeto de desejo. “A angústia se produz quando o investimento do objeto pequeno *a* volta a incidir sobre o *S*” (Lacan, 1960-61: 349).

Pode-se dizer ainda que “a angústia, como afeto que não engana, precisamente na medida em que todo objeto lhe escapa” (Lacan, 1962-1963: 240) marca um limite ao significante, esse que engana e dialetiza, e põe em jogo as proposições do falso e do verdadeiro com igual intensidade, instituindo um corpo doente da verdade, já que para o sujeito, que não tem acesso direto ao real, só há verdade parcial.

Se como vimos a angústia é diretamente relacionada ao real indizível presentificado no corpo pelo que deste escapa a amarração simbólica, e se ela se faz presente diante do objeto enquanto falta, ou seja diante da castração, podemos retornar a questão de uma angústia específica da mulher e conseqüentemente do homem, portanto uma angústia masculina e feminina, de acordo com a posição subjetiva de cada um diante da falta no Outro, diante da castração materna.

Freud e Lacan falam de uma angústia própria à mulher. Freud refere uma especificidade em relação à posição da mulher no sexo. Para ele na neurastenia, uma excitação puramente somática acumulada se elabora psiquicamente e se converte em libido, porém essa excitação pretende descarregar-se com uma ação inadequada (masturbação) e a libido estanca. Na neurose de angústia, a excitação somática acumulada não se elabora psiquicamente e pretende descarregar-se com uma ação nada adequada (ex: *coitus interruptus*) (Freud, 1895:128). A tensão gerada em ambos os casos é a mesma; a saber, angústia. Porém na neurose de angústia há uma “falta de capacidade psíquica para dominar a excitação sexual” já que a psique se conduz como se a excitação fosse um perigo exterior e não produz libido (Freud, 1895:136). “Na mulher é mais rápido e mais difícil de eliminar que no homem a alienação (*Entfremdung*) entre o somático e o psíquico no decurso da excitação sexual” (Freud, 1895[94]:110).

Existem mulheres afetadas por uma neurose de angústia congênita, ou seja, *que trazem por herança*, ou desenvolvem sem perturbação exterior demonstrável uma *vita sexualis* como a que ordinariamente só se adquire por *coitus interruptus* e práticas semelhantes. Em algumas dessas mulheres pode-se pesquisar uma afecção histérica contraída em sua juventude e na seqüência de sua vida sexual a tensão sexual permaneceu desviada do psíquico. Mulheres com essa sexualidade são incapazes de satisfação real, inclusive no coito normal, e desenvolvem a neurose de angústia bem espontaneamente, bem depois da emergência de outros fatores eficazes (Freud, 1895:128-129).

Se por um lado Freud nos diz que nas mulheres a emergência do limite entre o somático e o psíquico é mais rápida e em algumas a neurose de angústia pode ser congênita, quer dizer independente das contingências da excitação somática, mesmo que exista uma insuficiência para dominar a tensão sexual somática com representações, por outro, não nos diz por que isto acontece com as mulheres. Ele recorreu à clínica para verificar em algumas uma relação particular com o corpo e a angústia. A insuficiência que Freud debita do lado das mulheres refere-se a ausência de explicação, elas não sabem dizer nada a respeito.

Demonstra que em cada mulher a angústia é única, não há medida comum. Neste momento de sua obra ele faz equivaler a mulher à histeria e à neurose de angústia, portanto não se trata de uma angústia própria às mulheres, mas de diferenças possíveis em relação à neurose histérica e a neurose obsessiva.

Angústia e castração

Uma diferença mantém-se marcada entre homens e mulheres, a saber: a relação com a castração e em consequência com a angústia. “Angústia é sempre algo que se sente frente a uma castração iminente. Na neurose das mulheres não se pode menos que duvidar, pois ainda que nelas se comprove a presença do complexo de castração, não se pode falar dele na medida em que a castração já está consumada no sentido próprio” (Freud, 1926[25]: 117).

Assim a menina tem um destino diferente do menino no complexo de castração.

O desenvolvimento da menina é guiado através do complexo de castração indo até o investimento amoroso do objeto. E precisamente no caso da mulher parece que a situação de perigo pela perda de objeto continua sendo a mais eficaz. A respeito da condição de angústia válida para ela temos o direito de introduzir esta pequena modificação: mais que da ausência ou da perda real do objeto, se trata da perda de amor por parte do objeto. Posto que sabemos que a histeria tem maior afinidade com a feminilidade, assim como a neurose obsessiva com a masculinidade isso nos sugere a conjectura de que a perda de amor como condição de angústia desempenha na histeria um papel semelhante ao da ameaça de castração das fobias, e a angústia do supereu da neurose obsessiva (Freud, 1926[25]:135).

Podemos então resumir o que nos ensina Freud; para os homens aqueles que têm o órgão a angústia de castração se faz presente diante da ameaça de perda do órgão e para as mulheres- aqui tomadas como histéricas- que não têm nada a perder a angústia se dá diante da ameaça da perda do objeto de amor. Em seu texto “Análise terminável e interminável” (1937) ele afirma que enquanto a análise dos homens esbarra na angústia de castração a das mulheres esbarra na reivindicação fálica. Reivindicação que, na maioria das vezes, se localiza na busca do objeto de amor como o que vem compensar a ferida narcísica.

Freud fez do *Penisneid*, da inveja do pênis, o rochedo intransponível para a mulher. Era mesmo seu destino final. No entanto, ele não ignorava que esta “inveja do pênis” é a outra face do ter fálico sob o qual propunha que suas analisantes se alienassem aceitando a castração. Lacan propõe dois rochedos: “1- o da castração, no qual o significante mulher inscreve-se como privação e 2- o da inveja do pênis, no qual o significante homem é sentido como frustração” (Lacan, 1970: 438). Por um lado a mulher é privada do significante que a nomearia como tal e por outro é frustrada por que o significante homem não lhe concerne.

Afirmar que a falta fálica se deve a uma confusão neurótica entre o pênis e o falo ou a uma recusa neurótica da castração não é suficiente para dar conta de tal falta.

Angústia de castração e complexo de masculinidade

Lacan considera que a reivindicação fálica, a obstinação de uma mulher em análise para ter o falo, é uma resposta fundada em oposição ao pai. Para ele não se trata “de fazer com que as mulheres façam o luto da essência do macho, mas em produzir o saber pelo qual se determina a causa que é um desafio em seu ente” (Lacan, 1970: 438). A mulher jamais deixará de reivindicar o falo, fazendo desta reivindicação sua causa. Se Freud postula que a menina terá três saídas diante da descoberta da castração, em nenhuma delas a reivindicação fálica está ausente. Na saída pela neurose a reivindicação aparece como desistência, na feminilidade há uma substituição que se verifica na equação filho=falo e é na saída pelo complexo de masculinidade que tal reivindicação se faz mais claramente e também onde é resolvida de forma mais definitiva.

Tanto Freud em 1932 quanto Ophuijsen em seu artigo de 1916 “Contribuições para o complexo de masculinidade na mulher” (Ophuijsen, 1916) não colocam o acento sobre a angústia de castração que acompanha a fantasia de possuir o órgão viril presente no complexo de masculinidade. Em contrapartida os autores que tratam a questão do supereu nas mulheres, cuja existência é correlata ao complexo de masculinidade postulam que a rigor não há diferenças sob o aspecto da angústia em relação ao homólogo no homem. É isso que afirma Carl Müller- Braunschweig ao dizer que: “se damos valor à fantasia feminina indestrutível de possuir um pênis e se admitimos a realidade psíquica, do pênis imaginário ao lado da realidade corporal do pênis no caso do menino, podemos então falar positivamente de uma angústia de castração feminina tanto quanto masculina. Numerosas mulheres adultas, em seus atos falhos e sonhos comportam-se inteiramente ‘como se’, elas possuíssem um membro do qual estão constantemente receosas de perdê-lo” (Braunschweig, 1926: 109-110).

Braunschweig na linha de pensamento de Karen Horney considerava que a fantasia da mulher de possuir um pênis constitui uma formação reativa que teria sua origem não tanto na decepção decorrente da privação do órgão fálico, mas nas angústias suscitadas pelos desejos femininos, constituindo uma ameaça para a integridade de seus órgãos internos (crença de violar e ser violada). A angústia de castração seria preferível à uma angústia de destruição muito mais radical.

Os dois destinos postulados por Freud, mais comuns do complexo de castração na mulher correspondem de um lado ao *Penisneid*, que leva a persistência da demanda endereçada ao pai. A demanda ao Outro coloca o sujeito na dependência de uma instância exterior, que cumpre a função de supereu, porém ausente enquanto instância psíquica. De outro lado o complexo de castração corresponde ao complexo de masculinidade repousando sobre o recalçamento da inveja do pênis. É a demanda do Outro que dá ao supereu uma aparência próxima da que se encontra na clínica da neurose obsessiva masculina. No *Penisneid* a menina não sai do Édipo e no complexo de masculinidade podemos nos interrogar se ela teria encontrado a resolução na medida em que renunciou à sua demanda ao pai por identificação a ele. O eterno ressurgir das relações pré-edipianas endereçadas à mãe e a demanda ao pai colocam a questão que concerne à existência para a mulher de um além do Édipo.

A mulher não chega a se distanciar completamente daquele que foi seu primeiro objeto de investimento libidinal, a mãe. Entre mãe e filha uma transmissão impossível se impõe —o que é ser mulher—, afetando a ambas e deixando marcas no corpo não simbolizadas. Não há significante no registro do fálico que dê conta do que no corpo da mulher é marcado como Outro. Por estar ligada à presença deste corpo materno a mulher é submetida a uma angústia insistente e permanente.

Ela encontra no Outro materno sua demanda inicial, mas sob a forma inversa, isto é, ela vai endereçar a ela mesma a demanda de *phallus* que endereçava à mãe antes de se dirigir ao pai. Ela cai então sob a exigência superegoica impossível de satisfazer; dar o *phallus* à mãe. Tal exigência mantém a mulher em uma angústia sem limites, um viver sob a ameaça, onde se confunde a crença de ser castrada desse *phallus* imaginário e esta de não desvelar a verdade de sua falta. Os autores notam que a angústia de castração, quando está presente, devido a exigência de que falamos acima, se mostra mais severa nas mulheres que nos homens.

É preciso distinguir a angústia de castração que se apresenta em manifestações neuróticas, da angústia causada pela inveja do *phallus* (*Penisneid*). Na inveja do *phallus* não se trata de uma demanda ao Outro, mas da angústia do sujeito de perder o *phallus* como órgão ilusório. A clínica demonstra que a angústia de castração está perfeitamente presente nas mulheres e se manifesta diante do supereu, na medida em que a angústia de castração é a raiz da formação do supereu e se faz presente diante da perda do objeto de amor como substituto de sua falta fálica. “A angústia de castração nas mulheres pode também ter por função demonstrar a existência de qualquer coisa a castrar, ela é uma das provas da existência do falo simbólico” (Millot, 1984: 122).

As mulheres que escolhem como saída do complexo de castração o complexo de masculinidade em geral são bem sucedidas profissionalmente, mas sofrem de uma inibição quanto à escolha de objeto amoroso. “Em se tratando de uma escolha heterossexual é para fazer com que o parceiro reconheça sua virilidade, é como homem que esses sujeitos se propõem como amáveis” (Milot, 1984: 123).

Freud afirma que a menina pela falta do objeto real o pênis, não sofre a ameaça de castração e, portanto não tem a angústia de castração. Sendo assim não há verdadeiramente dissolução do complexo de Édipo na menina e ela mantém atualizada a demanda ao pai, mesmo que a enderece à série de substitutos do pai. “A mulher sabe onde está o falo, sabe onde deve ir buscá-lo, o que é do lado do pai, e vai em direção àquele que o tem. Isto indica que uma feminilidade verdadeira, tem sempre toque de uma dimensão de álibi. Nas verdadeiras mulheres há sempre algo meio extraviado” (Lacan, 1957-1958: 202).

Na verdade a angústia de castração se dá diante da perda do objeto de amor como deslizamento do órgão viril. A persistência da demanda deixa a mulher dependente do Outro real que pode ser o pai ou seus substitutos e de quem ela espera a satisfação de sua demanda sob a forma do amor. A fonte da angústia será a possibilidade de perda desse amor, que viria para ela como um certificado da impossibilidade de satisfazer sua demanda fálica. Desde então o Outro a quem se endereça a demanda fálica- não importa quem a partir do momento que se é colocado na posição do Outro- está fadado a se submeter às exigências eventualmente sem limites.

Freud em 1925 define a inveja do pênis como a conseqüência dos descobrimentos realizados pela menina: primeiro o descobrimento da castração da mãe, segundo o descobrimento contrastante do valor do orgasmo masculino e a insuficiência do seu. Ao mesmo tempo descobre que o falo é um atributo do sexo masculino, sabe que não o tem e quer tê-lo. A aspiração fálica é assim um índice da metáfora paterna. É veiculada pela demanda ao Outro, ao Pai e aos seus substitutos. Freud diz que é aí que a menina entra no Édipo para não mais sair dele. Vê-se porque Lacan situa o Pai como mediador entre o desejo e a demanda. Desejo e demanda se diferenciam. O desejo da menina é suscitado pelo desejo desse falo que ela não tem e a derivação sobre a demanda na qual o desejo se aliena nos significantes.

O *Penisneid* é resultante, portanto, de uma dupla descoberta; ela não tem o pênis e seu pai assim como os homens o têm. O falo está tomado pelo órgão masculino. Pela emergência desse significante ela pode conceber-se como privada, de outra maneira a ela não faltaria nada. Ferida irreparável, disse Freud, pela qual o falo que ela não tem se transforma em símbolo de castração. Lacan a esse respeito diz que: “não importaria às

mulheres a obrigação de tosear pelo calçador (*chaussoir*) da castração o estojinho (*gaine*) encantador que elas não elevam ao significante, mesmo que o calçador, por outro lado, ajude não somente o significante, mas também ao pé.³ É claro que bancar o calçado para esse pé é algo que as mulheres empenham-se de vez em quando” (Lacan, 1972; 465).

Elas podem perfeitamente não enfrentar sexualmente a um homem, aquele que tem o falo. A mulher pode escapar a castração como ser sexuado que possui um corpo implicado na relação sexual que não existe porque pode não “chegar ao ato sexual” já que elas não elevam a vagina ao significante. Mas, mesmo assim ela padece da castração simbólica porque está submetida à linguagem. Padece dos efeitos do significante a título de ser um *falasser*.

A inveja do pênis, *Penisneid*, é segundo Freud, o que leva às mulheres à análise, lugar privilegiado para a busca do desejo. Abrir mão do *Penisneid* é para a mulher equivalente a desistir do desejo e o que surge é a depressão. O *Penisneid* funciona então como um anteparo para a angústia, na inveja do pênis há algo a esperar e o desejo pode se por a funcionar, é o ponto de passagem obrigatório do desejo ao gozo e também revela sua disjunção. Para Lacan uma mulher “não está como peixe na água, pela castração ser nela ponto de partida” (Lacan, 1972: 465), ela estaria mais mergulhada nas águas da completude amorosa como disse Freud ao postular a castração feminina como a perda do objeto de amor.

Na lição XV do *seminário livro X “A angústia”* (1962-1963) Lacan apresenta a relação diferente de homens e mulheres com a castração. Naturalmente para a mulher também há a constituição do objeto a causa do desejo. Uma mulher também quer o objeto enquanto ela não o tem. Mas isso, diz ele, funciona na relação com a mãe, isto é na demanda. “Assim, sua própria reivindicação do pênis está ligada à relação com a mãe, à tentativa de se apropriar do que ela possui (a mãe fálica). A insatisfação intrínseca que está em jogo na estrutura do desejo é, digamos, pré-castradora. Se lhe sucede interessar-se pela castração (-phi) como tal, é na medida em que ela entra nos problemas do homem” (Lacan, 1962-1963:221).

O que constitui o objeto do desejo da mulher é o que ela não tem, o falo e para o homem é o que ele não é, ou seja, um macho que tem sempre um falo a postos, como mostra o mito feminino de Don Juan.

³ No original, *chaussoir*, que tanto remete a *chausse* (calça, calção), quanto ao verbo *chausser* (calçar, usar calçados, ou num trocadilho, vestir calças), e *chausser une femme* (trepar). Já o termo *gaine* remete tanto a cinta (elástica) quanto a ser estojo, bainha, envoltório, derivando etimologicamente do latim vagina. Finalmente, *piéd* encontra-se em muitas expressões na língua francesa relativas ao gozo sexual.

Há também em Freud uma distinção entre a histérica, na medida em que ela se interessa pelos problemas do homem, quando “banca o homem” e a mulher. Não podemos negligenciar o que Freud nos ensina a esse respeito em vários textos, como por exemplo, quando ao final da conferência intitulada “Sexualidade feminina” diz que “temos descrito a mulher só na medida em que seu ser está comandado por sua função sexual. Essa influência é sem dúvida muito vasta, porém não podemos perder de vista que a mulher individual é apesar de tudo um ser humano” (Freud, 1932: 125).

Freud não resolveu o enigma da feminilidade, do que escapa a esse sujeito que é apesar de tudo um ser humano e Lacan o fará em 1972-1973 com as fórmulas da sexuação nas quais ele determina a posição sexuada do sujeito todo fálico e *não-todo* fálico. As mulheres podem situar-se do lado todo fálico como fazem as histéricas ou do lado não-todo fálico. Lacan afirma que a histérica não é a mulher. Ao longo de seu ensino evidencia essa diferença em diversos momentos; No *Seminário livro 3 As psicoses* (Lacan, 1955-56: 199-203) ao tratar o caso Dora, parte da questão de que a histérica não pôde identificar-se com a imagem de uma mulher no vínculo sexual. Em 1958 especialmente no texto “Diretivas para um congresso sobre a sexualidade feminina” (Lacan, 1958) ele faz a distinção entre o desejo no feminino e o desejo na histeria. Este exemplificado com o caso da Bela Açougueira, onde o desejo orientado pelo falo é situado na outra mulher. Na conferência intitulada “Joyce o sinthoma II” ele retoma esta distinção opondo o desejo do sujeito que se situa do lado do Um fálico e seu respectivo gozo e outro que pode convocar o Outro absoluto e o outro gozo situado no lado do não-todo fálico. Distinção fundamental para apreendermos a possível diferença entre a posição do todo fálico e da não-toda fálica, no modo de apresentação da angústia.

No *seminário livro X* (1962-1963) dedicado a angústia, Lacan cita *Kierkegaard* para quem “a mulher está mais exposta a angústia do que o homem” (Lacan, 1962-63: 209). Apesar de não discordar desta tese, Lacan afirma que o importante “é apreender a ligação da mulher com as infinitas e indeterminadas possibilidades do desejo, no campo que se estende ao redor dela” (Ibid). É o desejo do Outro que lhe interessa, porque para ela o desejo do Outro é meio para que seu gozo tenha um objeto conveniente. A angústia na mulher tem sua causa fundamental no confronto direto que a mulher pode ter com o desejo do Outro, pois seu próprio gozo depende disso. Ela não possui um atributo fálico que faça frente ao desejo do Outro. É aí que a falta fálica apresenta seus efeitos, já que a única coisa a ser posta entre a mulher e o desejo do Outro é a mascarada. “Mas a mulher é muito mais verdadeira que o homem na medida em que sabe o valor daquilo com que lida no desejo” (Lacan, 1962-1963; 210-211). Ela sabe mais da falta e o desejo do Outro adquire peso, pois diante do homem, ela não sabe com quem está lidando e é tomada por certa angústia diante da incógnita quanto ao até

onde poderá levá-lo o caminho do desejo. “Quando o homem faz amor como qualquer um e fica desarmado, a mulher a partir deste momento fica absolutamente tranqüila quanto às intenções de seu parceiro” (Lacan, 1962-63: 289). A detumescência do órgão viril angustia, pois pode revelar a falha do desejo do homem, mas é também tranqüilizadora na medida em que promove a separação e livra a mulher desse mesmo desejo que é sempre Outro. Se o gozo da mulher, o gozo outro, está diretamente ligado ao desejo do Outro, diante do qual ela não tem a arma necessária para se defender o recurso virá então, pela via do amor.

Angústia e a perda do objeto de amor

Lacan após esse mesmo *seminário livro X A angústia* no qual iniciou a elaboração do objeto *a* passa a conceber a castração no registro do real. Em 1974 ele diz que “A angústia é o modelo de todo acontecimento de real.” (Lacan, 1974: 87) Entendemos que para este autor a castração não é a perda do órgão, que em geral não se perde, mas a perda da vida como tal, representada pelo órgão. A angústia situa-se no limite com o que do corpo não é representável podemos situá-la entre os registros do imaginário e do real. Lacan “situa a angústia no corpo, mas em outra parte” (Lacan, 1974: 102) onde justamente surge a ameaça de faltar a amarração simbólica. A angústia é o confronto com a falta radical do Outro, é o confronto com a inconsistência do Outro, com a falta de um significante no Outro S (A) lugar que é o *habitat* natural da mulher que não existe, lugar da *não-toda* fálica.

A mulher dá provas do feminino, da *não-toda* na norma fálica, pela via do amor, recurso último para não cair desprovida dos atributos fálicos no campo da falta do Outro S (A) se “saber o que o parceiro vai fazer não é uma prova de amor” (Lacan, 1972-73: 201), dar provas da posição feminina é amar ao homem sem saber o que ele vai fazer, enfrentando o desejo sempre enigmático do parceiro. É pela via do amor que a mulher experimenta o que se pode chamar de angústia feminina, que não é a angústia do lado do fálico ligada a fantasia fundamental do sujeito, do *fallasser*. Freud, como já dissemos, postula a verdadeira angústia de castração na mulher como esta que surge diante da perda do objeto de amor. Como entendermos isso se a clínica nos aponta que a perda do objeto do amor pode provocar depressão, luto, tristeza, melancolia e não necessariamente angústia? Para Lacan o que provoca a angústia feminina é o “não saber o que o parceiro vai fazer”. As exigências amorosas que uma mulher pode fazer a um homem têm neste traço de “não saber” sua origem, pois se trata de um não saber sobre o desejo do Outro. É a falta de garantia do lado fálico que deixa a mulher entregue sem mediação ao desejo do Outro que não lhe dá segurança de sua posição frente a ele.

“Há um real que é posto à prova no amor” (Lacan, 1972-73: 197), e a angústia se origina da impossibilidade de sabermos se esse real será anodado ao registro do simbólico ou emergirá como puro indizível. “Do parceiro, o amor só pode realizar o que chamei, por uma espécie de poesia, para me fazer entender, a coragem, em vista desse destino fatal” (Ibid: 197). O amor realiza a coragem de afrontar o impossível de saber e de dizer. “Mas é mesmo de coragem que se trata, ou dos caminhos de um reconhecimento? Esse reconhecimento não é outra coisa senão a maneira pela qual a relação dita sexual-tomada aqui como relação de sujeito a sujeito, sujeito no que ele é apenas efeito do saber inconsciente-pára de não se escrever.” (Lacan, 1972-73: 198).

O pára de não se escrever é da ordem da contingência

[...] onde há encontro no parceiro dos afetos dos sintomas, de tudo o que em cada um marca o traço de seu exílio, não como sujeito, mas como falante, do seu exílio da relação sexual” (ibid). “No amor trata-se da ilusão de que algo se inscreve no destino de cada um pelo quê, durante um tempo, um tempo de suspensão, o que seria a relação sexual encontra, no ser que fala, seu traço e sua via de miragem”. “É no deslocamento da negação do pára de não se escrever da contingência para o não pára de se escrever da necessidade que está o ponto de suspensão a que se agarra todo amor” (Ibid: 199).

O lugar da angústia é o lugar do impossível de saber. O ponto de suspensão a que se agarra o amor é inapreensível, a perda do objeto de amor é causa da angústia feminina, na medida em que presentifica o não saber do desejo do Outro. A partir dessas três afirmações podemos dizer que; a mulher coloca o amor no mesmo patamar da hiância aberta pela falta no Outro. É uma angústia que bordejia a incógnita presente nos encontros amorosos. É uma angústia que tem relação direta com o S (A) com a falta no Outro. Essa não é a angústia ligada à fantasia, que é permanente. É uma angústia fugaz, esporádica, contingente, é a manifestação de um real que não pode conectar-se com a fantasia, que não se aloja em um sintoma. Para *Kierkegaard*, ainda que a angústia seja mais própria às mulheres que aos homens, ela não é de modo algum mais um signo de imperfeição debitado às mulheres, pois ele reconhece nela a emergência do real.

Um outro aspecto da angústia na mulher diz respeito a face de horror do objeto a, essa que se apresenta no ato de parir. A parturição traz concomitantemente deslumbramento e horror porque aí nem tudo é fálico. A mãe experimenta estranheza ao parto, ela vive a experiência de ver um ser vivo sair de dentro de outro ser vivo e precisa aí fazer uma separação que situe o recém-nascido como outro. A castração é percebida no registro do real do corpo. É o que levou Lacan a dizer que a criança dá à mãe de forma “imediatamente acessível o próprio objeto de sua existência, aparecendo no real” (Lacan, 1969: 370). A transformação do corpo da mulher em decorrência da gravidez também não traz só a euforia fálica pela equivalência freudiana filho-falo. Ela pode ser vivida como uma doença, como um corpo possuído por um parasita, do qual a mulher

quer se livrar, sem que isso implique a adoção do filho no desejo após o parto. São mulheres que grávidas experimentam a angústia de um corpo que não lhe pertence de um corpo doente. A esse respeito uma paciente dizia; “Dizem que sou mãe, mas não tenho um filho, isso é um “monte” que se alojou em minha barriga e não me deixa respirar, trabalhar, namorar, me deixa feito um peixe boi, horrorosa, eu odeio essa barriga e tenho medo do meu ódio porque quero um filho, mas pronto do lado de fora.” Outra paciente sentia-se feliz com o filho já com seis anos e angustiava-se com a exigência do marido de um segundo filho. Na primeira gravidez sentia por seu corpo muita repugnância e dizia se atirar contra as ondas no mar para que essas batessem em sua barriga numa tentativa de eliminá-la. “Depois disso me sentia mais calma como se me vingasse de estar grávida.”

Os cuidados necessários com o recém-nascido também são causa de angústia. “Essa coisa viva, que não fala, que ainda não está sujeito ao recalçamento e que por isso presentifica a proximidade maior do gozo da vida como gozo ainda não marcado, apavora pelo fato de ser um objeto com o qual não se sabe o que fazer. (Soler: 101/102). Mas a angústia das mães não se resume a esses primeiros momentos da vida do filho. As mulheres se angustiam porque querem filhos, porque não os querem, porque algo pode lhes acontecer, porque eles podem se machucar, podem morrer, porque é preciso se separar desse objeto que em ambas as faces, deslumbramento e horror traz para o sujeito ao vivo e a cores a marca de sua castração e da possibilidade de encontro com o real, com o vazio indizível.

A angústia nas mulheres pode então ser experimentada em aspectos diferentes; a angústia da mulher histórica cuja defesa é a inveja do pênis e a eternização da reivindicação fálica; a angústia da mãe que presentifica a possibilidade da perda do filho enquanto falo. Mas a angústia própria à mulher, ao *não-toda* fálica, é esta que tem relação direta com o S (A) com a falta no Outro, com o gozo experimentado como infinito, sem barreira, de onde surgem as exigências de amor absoluto como recurso para constituir um ser mulher onde o vazio faz presença. É uma angústia não ligada no dizer de Freud, um estado afetivo, é algo que se sente frente a uma castração eminente que para a mulher não é a perda do órgão que ela não tem, mas do objeto de amor, de um lugar que ela tem junto a esse objeto e que a situa como mulher. Para Lacan a angústia feminina surge diante do fato de que o significante falta e ela pode cair no abismo desta falta. É para evitar essa angústia maior que surge diante do real, do nada, que as mulheres se defendem a moda histórica, bancando o homem este sim todo fálico ou situando-se no complexo de masculinidade mantendo um pênis ilusório ou ainda “reprimindo uma boa parte de suas aspirações sexuais”, ou seja, “não se empenhando em bancar o calçado para o pé”.

Até aqui em nosso estudo verificamos que a angústia na mulher que não existe é ao mesmo tempo sem medida comum e também desmedida.

Referências bibliográficas:

- Braunschweig**, M.C. (1994) La gènese du surmoi féminin. In: Marie-Christine Hamon (Comp.). *Féminité mascarade, études psychanalytiques réunies* (pp.107-111). Paris: Éditions Seuil. Trabajo publicado originalmente en 1926.
- Freud**, S. (1986). Carta a Fliess de 18 de dezembro de 1892 Rascunho A. In: *A correspondência completa de S.Freud para Wilhelm Fliess* (pp.36-37). Rio de Janeiro: Editor Masson. Trabajo publicado originalmente en 1893.
- Freud**, S. (1999). Bosquejos de la comunicación preliminar de 1893. In: *Obras completas* Vol.I (pp. 179-190). Buenos Aires: Amorrortu Editores. Trabajo publicado originalmente en 1940-41(1892).
- Freud**, S. (1999). Estudios sobre la histeria (Breuer y Freud). Historiales clínicos Señorina Elisabeth von R. In: *Obras completas* Vol. II (pp.151, 19). Buenos Aires: Amorrortu Editores.Trabjo publicado originalmente en 1893-1895.
- Freud**, S. (1999) A propósito de las críticas a la neurosis de angustia. In: *Obras completas* Vol.III (pp.143, 156). Buenos Aires: Amorrortu Editores.Trabajo publicado originalmente en 1895.
- Freud**, S. (1999). Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico. In: *Obras completas* Vol. XIV (pp.7-64). Buenos Aires: Amorrortu Editores. Trabajo publicado originalmente en 1914.
- Freud**, S. (1999). Conferencia 25. La angustia. In: *Obras Completas* vol. XVI (pp. 357-374) Buenos Aires: Amorrortu editores. Trabajo publicado originalmente en 1916-17.
- Freud**, S. (1999) Inhibición, síntoma y angustia. In: *Obras Completas* Vol. XX (pp. 83-161) Buenos Aires: Amorrortu Editores. Trabajo publicado originalmente em 1926 (1925).
- Freud**, S. (1999). Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos. In: *Obras Completas* Vol.XIX (pp. 267-276). Buenos Aires: Amorrortu editores. Trabajo publicado originalmente em 1925.
- Freud**, S. (1999) Conferencias de introducción al psicoanálisis. Conferencia 25: La angustia. In: *Obras completas* Vol. XVI (pp. 357-374). Buenos Aires: Amorrortu Editores. Trabajo publicado originalmente en 1927[26].
- Freud**, S. (1999) Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis. 32ª conferencia: Angustia y vida pulsional. In: *Obras completas* Vol. XXII (pp. 75-103). Buenos Aires: Amorrortu Editores. Trabajo publicado originalmente en 1933[32].
- Kierkegaard**, S. (1969) *Le concept de L'angoisse*. Paris: Flammarion Éditeur.
- Lacan**, J. (1999). *O Seminário livro 5, As formações do inconsciente* [1957-1958]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan**, J. (1998) A direção do tratamento e os princípios de seu poder [1957-1958]. In: *Escritos* (pp. 585-649). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan**, J. (1998) Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano [1960]. In: *Escritos* (pp. 807-842). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan**, J. (2005) *O seminário livro 10, A angustia* [1962/1963]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan**, J. (1998) Posição do inconsciente [1964]. In: *Escritos* (pp.829-864). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

- Lacan, J.** (1988) *O seminário livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* [1964]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J.** [1967] *O seminário livro 14, A lógica da fantasia*, aula de 31 de maio de 1967. Inedito transcrição de Formações clínicas do Campo Lacaniano Rio de Janeiro
- Lacan, J.** (2003) Nota sobre a criança [1969]. In: *Outros escritos* (pp. 369-370). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J.** (1992) *O seminário livro 17, O avesso da psicanálise* [1969-1970]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J.** (2003) Radiofonia [1970]. In: *Outros escritos* (pp.400-447). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J.** (2003) O aturdido [1972]. In: *Outros escritos* (pp.449-497). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J.** (1975) Introduction a L'Édition allemande d'un premier volume des Écrits [1973]. In: *Silicet* (pp.11-17). Paris: Éditions du Seuil.
- Lacan, J.** (1985) *O seminário livro 20, Mais Ainda...* [1972/73]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J.** (1993) La tercera [1974]. In: *Intervenciones y textos 2* (pp. 73-108). Buenos Aires: Manantial.
- Lacan, J.** [1975] *Respuesta a una pregunta de Marcel Ritter*. Congresso de Estrasburgo 26 de janeiro de 1975.
- Lacan, J.** (2005) *Le Seminaire livre 23, Joyce le Symptôme* [1975-76]. Paris: Éditions du Seuil.
- Millot, C.** (1984). Le surmoi feminine. In: *Ornicar?* Número 29 (pp.111-123). Revue du champ freudien. Paris: Éditions Seuil.
- Soler, C.** (2006) *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.